

PROBLEMAS

Dos problemas do Acre vamos escolher, para começar, o mais doloroso, que é o da saúde. O que mata mais gente ainda é o impaludismo. Nesse "ainda" que escrevi há um grande consólio, que é o de saber que o mal pode ser reduzido e praticamente eliminado se houver verbas suficientes e um esforço do Serviço Nacional de Malária. No caso do Acre o melhor seria conseguir a colaboração do SESP, que já provou, na própria Amazônia, sua capacidade de enfrentar problemas perfeitamente idênticos. (Ainda há pouco, na "Revista Brasileira de Geografia", lemos um estudo sobre a Amazônia em que o professor Pierre Gourou, do Collège de France, muito objetivo e severo em seu exame das deficiências do meio, faz referências religiosas à ação do Serviço Especial de Saúde Pública). A tuberculose vem em segundo lugar e, como em toda parte do Brasil, as doenças intestinais matam uma boa percentagem das crianças.

Um quadro inquietante e triste é o da lepra. Junto a Rio Branco há um leprosário e um preventório para filhos de doentes, mas nos vales do Purus e do Juruá muitos leprosos estão em contato com o resto da população. O problema deve ser resolvido de acordo com as autoridades do Amazonas — e precisa ser enfrentado logo. Qualquer proteção ou economia que se fizer nesse sentido será miserável e infame: é urgente a criação de leprosários onde os doentes possam ter tratamento e conforto.

O governador do Território levou do Rio um jovem professor para seu secretário de Educação e Saúde. Tive uma boa impressão do dr. Fligare, que nestes três meses e meio procurou se assenhorar dos problemas do Acre com boa vontade e inteligência. Embora o Acre seja uma das regiões mais alfabetizadas do Brasil, seus problemas de educação também são graves — e me pareceu particularmente interessante o plano do dr. Fligare da criação de pequenos internatos, único meio, em sua opinião de não apenas instruir os filhos dos homens das florestas como de lhes inculcar princípios de higiene e educação capazes de renovar a mentalidade do povo sem desligar os jovens de seu meio. Ele espera criar assim uma espécie de elite popular infantil. No meio rural (ou melhor: florestal) as distâncias a serem vencidas por terra ou água não permitem de outro modo a frequência às escolas. As escolas rurais do Ministério da Educação prestam bons serviços, como em toda a parte, mas só têm uma frequência estimável nas proximidades dos centros populosos. Fora disso ninguém pode imaginar um filho de seringueiro vencendo sozinho varadouros e Igarapés para ir à escola todo o dia.

Um problema estreitamente ligado aos de educação e saúde é o da alimentação. O professor Gourou, que citei acima, mostra muito bem até que ponto o habitante da Amazônia é, nesse particular, mal adaptado ao meio. Alguma coisa já se tem feito no Acre para melhorar as condições de alimentação nas cidades e mesmo nos seringais, combatendo o velho absurdo de importar tudo em troca de borracha e castanha. Mas por enquanto a verdade simples é que essa população é, de um modo geral, inculta, doente e mal alimentada. Isso não diferencia o Acre dentro do Brasil. Mas me parece que as tristezas do Acre deviam nos dar especial remorso e merecer um especial carinho. Não valia a pena ter ido fincar nossa bandeira nesses 74 graus de longitude ocidental para depois deixar essa população vegetar com verbas crimosamente mesquinhas. Essa gente, em condições miseráveis de vida, fornece quase 40 por cento da borracha de que a nossa indústria precisa; é, para nós, uma gente preciosa. Na véspera de minha partida para o Acre um senhor dizia, em um bar do Rio, que a gente devia entregar o Acre à Bolívia pedindo desculpas pelo mal entendido — e mesmo pagando outra vez 2 milhões de libras para que os bolivianos aceitassem o território de volta. Esse senhor foi diretor do Banco da Borracha — com essa corajosa estreiteza mental que não o qualificaria sequer para dirigir um salão de bilhar. Na verdade nós estamos em dívida com o Acre. Nós, em todos os sentidos, devemos o Acre aos acreanos.

16/18/51

R B